

MOTIVOS DE PRÁTICA DE ESPORTES COLETIVOS UNIVERSITÁRIOS EM SANTA CATARINA

Mario Luiz C. Barroso¹
Alisson Guimbala S. Araújo
Guilherme Eugênio van Keulen
Rafael Kanitz Braga
Ruy Jornada Krebs

LADAP/CEFID/UDESC

Resumo

O presente estudo aplicou o Questionário de Motivação em Atividade Desportiva (QMAD), adaptado por Serpa e Frias (1990), com o intuito de verificar os motivos de prática de esportes coletivos entre 100 universitários (51 homens, 49 mulheres) de uma instituição pública que treinaram para os Jogos Universitários Catarinenses (JUCs) de 2007. Pela ordem, os fatores mais importantes foram aperfeiçoamento técnico, diversão, afiliação, aptidão física, contexto, status, e influência de família e amigos – seqüência bastante distinta de estudos similares realizados dentro e fora do Brasil. Houve diferença significativa entre os naipes masculinos e femininos nos quesitos status e afiliação, sendo que também houve diferença significativa entre os resultados das quatro equipes femininas pesquisadas. Em próximos estudos, recomenda-se a ampliação do público participante, bem como a aplicação do questionário junto a universitários de instituições particulares a fim de averiguar possíveis diferenças motivacionais.

Palavras-chave: esportes coletivos; motivação; universidade pública

Introdução

O esporte moderno, com sua atual organização estrutural, categorias e uniformização de regras está intimamente ligado à universidade. Na verdade, ele nasceu nas universidades e escolas públicas inglesas no século XIX, onde práticas populares foram sistematizadas para melhor controle do tempo livre dos adolescentes das classes dominantes e ascendentes (ELIAS, 1992; FOUCAULT, 2007). Esportes coletivos como basquete, futebol, rúgbi e voleibol

foram criados dentro de universidades e, como tantas outras modalidades, se disseminaram entre o público, ganhando inúmeros adeptos. A idéia da uniformização de regras para possibilitar confrontos e competições entre equipes de origens diferentes foi levada das universidades britânicas para o âmbito mundial com a criação do Comitê Olímpico Internacional (COI) em 1894 e dos primeiros Jogos Olímpicos da Era Moderna, dois anos depois, pelo Barão Pierre de Coubertin (WEILER, 2004).

Os jogos esportivos coletivos têm se manifestado significativamente no cenário nacional, sendo que cabe à Confederação Brasileira do Desporto Universitário (CBDU) organizar as competições nacionais e representar o Brasil junto à Federação Internacional de Esporte Universitário, a FISU (CBDU, 2007). Entre essas competições, temos a Olimpíada Universitária Brasileira, anteriormente conhecida como Jogos Universitários Brasileiros (JUBs), que chega à sua 55ª edição em 2007 com mais de 3.500 atletas de 26 estados disputando oito modalidades de 10 a 17/06 em Blumenau, Itajaí e Palhoça/SC.

A classificação de atletas e equipes para os JUBs ocorre nas etapas estaduais – no caso de Santa Catarina, os JUCs – Jogos Universitários Catarinenses, realizados em Blumenau de 27/04 a 01/05. Nas quadras, pistas, piscinas e tatames do JUCs, foi possível notar o reflexo da filosofia universitária norte-americana com a participação de atletas de alto nível que conquistaram bolsas de estudo junto a instituições de ensino superior (IES) do estado, fato que, além de bons resultados e rendimento esportivo, possibilita maior divulgação do nome dessas instituições não apenas em Santa Catarina como também em todo o país. Lado a lado com essas IES, as duas universidades públicas catarinenses participaram do evento, conquistando também seus troféus e medalhas. Considerando que não existem bolsas de estudo para atletas nessas entidades, uma vez que são gratuitas, levantou-se a questão sobre quais seriam os principais fatores motivacionais que levam universitários do ensino público à prática de esportes coletivos.

No caso das universidades particulares, fica claro que a bolsa para atletas representa mais uma possibilidade de ascensão social através do esporte, que

se tornou uma carreira profissional cobiçada e opção de vida para jovens talentosos (RUBIO, 2002). Esse fato não é um só fenômeno brasileiro, uma vez que, em países de primeiro mundo como os EUA e Canadá, a procura e disputa por bolsas atléticas universitárias é acirrada, envolvendo patrocínios e polêmicas (SACK, 1988; GRIMES; CHRESSANTHIS, 1994; JAMES, 2004).

O estudo da motivação é um dos que mais ganha espaço na Psicologia do Esporte, não apenas nos âmbitos rendimento e universitário, mas também junto a crianças, jovens, adultos, idosos e até mesmo pacientes internados em enfermaria ortopédica (MELO; LÓPEZ, 2003; HERNANDEZ; VOSER; LIKAWKA, 2004; FREITAS et al., 2007). A motivação, segundo os psicólogos, é a direção e intensidade de um esforço, e, junto à habilidade, condicionamento físico e autoconfiança, é fator preponderante para bom desempenho (SAMULSKI, 2002). Entre os diversos instrumentos utilizados para mensurá-la, temos o Participation Motivation Questionnaire (PMQ), elaborado por Gill, Gross e Huddleston em 1983, e o Questionário de Motivação para Atividades Desportivas (QMAD), sua adaptação portuguesa por Serpa e Frias em 1990.

Procedimentos metodológicos

Os dados foram coletados mediante aplicação do QMAD entre 100 universitários de uma instituição pública de Santa Catarina (51 homens, 49 mulheres), todos treinando regularmente junto às equipes de basquetebol, futsal, handebol e voleibol que participaram dos JUCs 2007.

O questionário é composto por 30 itens que, devidamente agrupados, identificam sete tipos de motivação para a prática esportiva: status, diversão, afiliação, contexto, aptidão física, aperfeiçoamento técnico e influência de família & amigos. A importância de cada item é atribuída pelos participantes numa escala Likert com valores entre 1 e 5 (de nada importante a totalmente importante). Segundo Serpa (1990), os motivos considerados mais importantes são os que apresentam valores ≥ 4 .

A tabulação de dados foi realizada mediante utilização dos programas Microsoft Excel e SPSS 13.0 for Windows. Realizou-se estatística descritiva para se

encontrar médias e desvios-padrão das sete categorias de motivação, e inferencial (teste t para amostras independentes) para comparar os naipes masculino e feminino. Empregou-se o teste de correlação de Pearson para verificar a correlação entre as sete categorias nos âmbitos geral, masculino e feminino. O teste de Kruskal-Wallis foi utilizado para averiguar as diferenças entre as quatro modalidades esportivas dentro de cada uma dessas categorias. Em seguida, aplicou-se o teste de Mann-Whitney para investigar as diferenças entre as modalidades dentro dos naipes masculino e feminino no que se refere às sete categorias. O intervalo de confiança foi de 95%.

Resultados

O fator de maior motivação entre os 100 participantes foi o aperfeiçoamento técnico, com $3,7 \pm 0,67$ pontos, seguido de diversão ($3,5 \pm 0,53$); afiliação ($3,3 \pm 0,61$); aptidão física ($3,2 \pm 0,60$); contexto ($2,7 \pm 0,76$); status ($2,6 \pm 0,44$) e influência de família e amigos ($2,5 \pm 0,17$). Essa ordem de importância se aproxima dos resultados encontrados por Gübüz et al. após aplicarem o PMQ em jovens futebolistas na Turquia (2007); dos achados de Barcelona e Sanfelice (2004) ao investigar praticantes de voleibol argentinos; e dos dados encontrados por Estriga e Cunha (2003) junto a atletas de handebol feminino entre 14 e 16 anos, variando basicamente na importância que os catarinenses do presente estudo atribuíram à diversão. Em outras pesquisas que empregaram o QMAD ou PMQ, as ordens de importância foram condicionamento físico e diversão entre crianças e jovens (CID, 2002); diversão, afiliação, aperfeiçoamento técnico, status e aptidão física entre jogadoras de voleibol de 14 a 16 anos (PAIM, 2003); condicionamento físico e diversão entre pacientes internados em enfermaria ortopédica (MELO; LÓPEZ, 2003); diversão, condicionamento físico e afiliação entre jogadores de futebol na Suécia (THIBORG, 2005); afiliação, condicionamento físico, status, contexto e aperfeiçoamento técnico entre artistas marciais na Inglaterra (JONES; MACKAY; PETERS, 2006). Note-se que nem todos os estudos citados se

preocuparam em divulgar a seqüência completa das oito categorias originais americanas ou sete adaptadas em Portugal.

O teste t para amostras independentes acusou diferenças significativas entre os naipes masculino e feminino nos fatores status ($t=9,10$; $p=0,003$) e afiliação ($t=6,95$; $p=0,01$). No naipe masculino, o teste de correlação de Pearson indicou correlações significantes entre as variáveis afiliação x diversão ($r=0,28$; $p=0,050$), afiliação x contexto ($r=0,34$; $p=0,014$), afiliação x aptidão física ($r=0,29$; $p=0,040$), aptidão física x diversão ($r=0,33$; $p=0,017$), influência de família & amigos x diversão ($r=0,28$; $p=0,050$). Ainda no mesmo naipe, como relações muito significantes encontrou-se afiliação x influência de família & amigos ($r=0,37$; $p=0,007$), e contexto x influência de família & amigos ($r=0,43$; $p=0,002$).

Dada a grande quantidade de correlações entre as variáveis no naipe feminino, apresentamos a tabela a seguir:

Tabela I – Correlação de Pearson entre as atletas pesquisadas

		Modali.	Status	Divers.	Afilia.	Cont.	Apt. Física	Apf. Técnica	Influên.
Modalidade	r	1	,159	,070	,158	,187	-,055	,084	,295*
	p		,276	,630	,277	,199	,708	,567	,040
Status	r	,159	1	,267	,427**	,542**	,270	,225	,394**
	p	,276		,063	,002	,000	,061	,121	,005
Diversão	r	,070	,267	1	,628**	,518**	,358*	,488**	,395**
	p	,630	,063		,000	,000	,012	,000	,005
Afiliação	r	,158	,427**	,628**	1	,779**	,501**	,402**	,427**
	p	,277	,002	,000		,000	,000	,004	,002
Contexto	r	,187	,542**	,518**	,779**	1	,454**	,409**	,426**
	p	,199	,000	,000	,000		,001	,004	,002
Apt. Física	r	-,055	,270	,358*	,501**	,454**	1	,316*	,180
	p	,708	,061	,012	,000	,001		,027	,215
Aperf. Téc.	r	,084	,225	,488**	,402**	,409**	,316*	1	,211
	p	,567	,121	,000	,004	,004	,027		,146
Influência	r	,295*	,394**	,395**	,427**	,426**	,180	,211	1
	p	,040	,005	,005	,002	,002	,215	,146	

Obs: (*) $p \leq 0,05$ e (**) $p \leq 0,01$

Além da forte correlação encontrada entre as indicações motivacionais femininas, os resultados dos 100 participantes apresentaram 15 correlações com significância: afiliação x aperfeiçoamento técnico ($r=0,21$; $p=0,037$), status x afiliação ($r=0,28$; $p=0,004$), status x contexto ($r=0,39$; $p < 0,001$), status x

influência de família & amigos ($r=0,29$; $p=0,003$), diversão x afiliação ($r=0,50$; $p<0,001$), diversão x contexto ($r=0,37$; $p<0,001$), diversão x aptidão física ($r=0,35$; $p<0,001$), diversão x aperfeiçoamento técnico ($r=0,36$; $p<0,001$), diversão x influência de família & amigos ($r=0,35$; $p<0,001$), afiliação x contexto ($r=0,60$; $p<0,001$), afiliação x aptidão física ($r=0,41$; $p<0,001$), afiliação x influência de família & amigos ($r=0,41$; $p<0,001$), contexto x aptidão física ($r=0,33$; $p=0,001$), e contexto x influência de família & amigos ($r=0,43$; $p<0,001$).

O teste de Kruskal-Wallis não indicou diferença significativa entre as modalidades masculinas ($p>0,05$), mas, nas femininas, essa diferença foi detectada na atribuição de importância aos fatores motivacionais afiliação ($p=0,033$), contexto ($p=0,022$), aptidão física ($p=0,050$) e aperfeiçoamento técnico ($p=0,030$), o que levou à aplicação do teste de Mann-Whitney para estabelecer diferenças entre cada modalidade dentro dos naipes masculino e feminino.

Tabela II – Pontuações médias de modalidade/naipe x fatores motivacionais

	Status	Diversão	Afiliação	Contexto	Apt. Fís.	Aperf.Téc.	Família
BB Fem	2,5 (0,8)	3,5 (0,5)	3,2 (0,7)	2,4 (0,7)	3,1 (0,6)	3,7 (0,7)	2,1 (1,2)
BB Masc	2,7 (0,4)	3,5 (0,4)	3,2 (0,5)	2,6 (0,6)	3,1 (0,8)	3,5 (0,8)	2,2 (0,8)
FS Fem	2,7 (0,4)	3,5 (0,5)	3,8 (0,5)	3,2 (0,6)	3,7 (0,4)	4,1 (0,5)	2,5 (0,8)
FS Masc	2,7 (0,3)	3,4 (0,5)	3,1 (0,6)	2,4 (0,7)	3,1 (0,6)	3,3 (0,3)	2,3 (1,3)
HB Fem	2,6 (0,4)	3,2 (0,6)	3,2 (0,6)	2,6 (0,9)	3,2 (0,5)	3,4 (0,8)	2,9 (1,3)
HB Masc	2,7 (0,2)	3,3 (0,5)	3,2 (0,6)	2,8 (0,8)	3,0 (0,6)	3,8 (0,7)	2,8 (1,2)
VB Fem	2,8 (0,4)	3,8 (0,7)	3,7 (0,6)	3,0 (0,7)	3,2 (0,6)	4,1 (0,4)	3,0 (1,3)
VB Masc	2,5 (0,3)	3,3 (0,4)	3,1 (0,5)	2,7 (0,8)	3,4 (0,4)	3,6 (0,6)	2,4 (1,1)

Obs: entre parênteses, os desvios-padrão.

As únicas diferenças significativas no naipe masculino ocorreram no pareamento entre handebol e voleibol no quesito aptidão física ($Z=-2,10$; $p=0,039$), e entre handebol e futsal em aperfeiçoamento técnico ($Z=-2,07$; $p=0,039$).

Na população feminina, o basquete se diferenciou significativamente do futsal no que se refere a afiliação ($Z=-2,15$; $p=0,032$); do futsal ($Z=-2,74$; $p=0,006$) e vôlei ($Z=-2,30$; $p=0,021$) no fator contexto; e novamente do futsal em aptidão física ($Z=-2,34$; $p=0,019$). Os resultados do futsal tiveram diferença significativa

com relação ao handebol ($Z=-2,36$; $p=0,018$) em afiliação e aperfeiçoamento técnico ($Z=-2,40$; $p=0,016$); em aptidão física, o futsal diferenciou-se do vôlei ($Z=-2,05$; $p=0,040$) e do handebol ($Z=-2,44$; $p=0,015$). Por fim, houve diferença significativa entre handebol e vôlei femininos no fator motivacional aperfeiçoamento técnico ($Z=-2,150$; $p=0,032$).

Considerações finais

Nenhum motivo para a prática de esportes coletivos entre os universitários pesquisados atingiu os 4 pontos ou mais recomendados pela literatura que orienta a interpretação do QMAD. A pontuação geral com maior destaque entre o aperfeiçoamento técnico e a diversão possivelmente indica tendências que se estabelecem entre o esporte de rendimento e o participativo, sendo que a baixa pontuação para status talvez revele a despretensão da maioria dos pesquisados com relação ao profissionalismo. Infere-se também que, tendo aberto mão de possíveis bolsas de estudo nas instituições privadas, os universitários da entidade pública em questão priorizem a formação acadêmica em detrimento de um futuro esportivo de rendimento.

A presença de maior quantidade de estudos divergentes no que se refere à seqüência de fatores motivacionais muito provavelmente pode se atribuir às diferenças culturais, entre sexos e etárias freqüentemente relacionadas na literatura de Psicologia do Esporte. No que se refere a sexo, os 51 participantes apresentaram uma distribuição ponderativa muito mais dispersa do que as 49 atletas pesquisadas. É importante também ressaltar a diferença de perfil motivacional entre as quatro equipes do naipe feminino, principalmente as de basquete e futsal.

Para estudos futuros, recomenda-se ampliação do público pesquisado para possibilitar novos estudos estatísticos, bem como a aplicação do QMAD junto a atletas de universidades particulares e de outras instituições públicas de ensino superior, não somente de Santa Catarina como de outros estados.

Referências bibliográficas

- BARCELONA, Esteban M.; SANFELICE, Gustavo R. Motivos de atletas “riocuartenses” para jogar voleibol. **Revista Digital**, v.10, n.78, 2004.
- CBDU. **Sobre a CBDU**. Disponível em <<http://www.cbdu.org.br/?pg=sobre>>. Acessado em 11 de jun. de 2007.
- CID, Luís F. Alteração dos motivos para a prática desportiva de crianças e jovens. **Lecturas em EF y Deportes**, v.8, n.55, 2002.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric (Orgs.). **A busca da excitação**. Tradução de M.M.A. e Silva. Lisboa: Difel, 1992, p.188-220.
- ESTRIGA, Maria L.; CUNHA, António. Motivação para a prática do andebol: motivos de escolha e de prática de andebol por jovens atletas do sexo feminino. **Agir para a Mudança**. Porto: FCDEF, p.33, 2003.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 23ª.ed. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- FREITAS, Clara M.S.M.; SANTIAGO, Marcela S.; VIANA, Ana T.; LEÃO, Ana C.; FREYRE, Carmen. Aspectos motivacionais que influenciam a adesão e manutenção de idosos a programas de exercícios físicos. **Revista Brasileira de Cineantropometria e Desempenho Humano**. Florianópolis: NuCiDH/CDS/UFSC, v.9, n.1, p.92-100, 2007.
- GILL, Diane L.; GROSS, John B.; HUDDLESTON, Sharon. (1983) Participation motivation in youth sports. **International Journal of Sports Psychology**, n.14, p.1-14.
- GRIMES, Paul W.; CHRESSANTHIS, George A. Alumni contributions to academics: the role of intercollegiate sports and NCAA sanctions. **American Journal of Economics and Sociology**, v.53, n.1, p.27-40, January 1994.
- GÜRBÜZ, Bülent; ALTÝNTAS, Atahan; ASCI, F. Hülya Ascı. Participation motives of 9-15 years old Turkish soccer players. **Journal of Sports Science and Medicine**, suppl.10 , p.88 – 91, February 2007.
- HERNANDEZ, José A.E.; VOSER, Rogério C.; LYKAWKA, Maria G.A. Motivação no esporte de elite: comparação de categorias do futsal e futebol. **Lecturas en EF y Deportes**. Buenos Aires, v.10, n.77, Octubre 2004.
- JAMES, C.E. Schooling, Basketball and US scholarship aspirations of Canadian student athletes. **Race Ethnicity and Education**, v.6, n.2, p.123-144, 2003.
- JONES, Gareth W.; MACKAY, Ken S. ; PETERS, Derek M. Participation motivation in martial artists in the west midlands region of England. **Journal of Sports Science and Medicine** n.5, p.28–34, 2006.
- MELO, Ana C.R.; LÓPEZ, Ramón F.A. Motivação para participação nas atividades de educação física em enfermaria ortopédica. **Revista Alvorada de Atividade Física**, v.1, n.1, 2003.
- PAIM, Maria C.C. Voleibol, que fatores motivacionais levam à sua prática? **Lecturas em EF y Deportes**, v.9, n.61, 2003.
- RUBIO, Kátia. O trabalho do atleta e a produção do espetáculo esportivo. **Scripta Nova, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales**. Barcelona: Universidad de Barcelona, v.6, n.119, p.95, 2002.

SACK, Allen L. Are “improper benefits” really improper? A study of college athletes views concerning amateurism. **Journal of Sport & Social Issues**, v.12, n.1, p.1-16, 1988.

SAMULSKI, Dietmar M. **Psicologia do esporte: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia** São Paulo: Manole, 2002.

SERPA, Sidónio; FRIAS, Jorge.. Estudo da relação professor/aluno em ginástica de representação e manutenção. Trabalho não publicado. Lisboa: FMH da Universidade Técnica de Lisboa, 1990.

THIBORG, Jesper P.N. **Fotbollsspelares personlighet, motiv och moral i idrotten** Sektionen Lek, Fritid och Hälsa: Högskolan i Malmö, p.41-60 (2005)

WEILER, Ingomar. The predecessors of the Olympic movement and Pierre de Coubertin. **European Review**. Cambridge University Press, n.12, p. 427-443, 2004.

¹Contato: Cx.Postal 5.231, Florianópolis/SC, CEP: 88.040-970
e-mail: mario@m17.com.br